

Ascensão do Hamas: ameaça à paz?

Tainá Leandro
05/04/2006

As eleições para parlamentares em janeiro de 2006, a primeira em uma década, colocam um dilema ao Ocidente: Hamas, considerado um grupo terrorista por EUA e UE, é eleito democraticamente pelos palestinos, ganhando 74 cadeiras das 132 totais. A ascensão de Hamas ao poder gera incertezas relacionadas a que tipo de política será perseguida por tal partido com relação a Israel. Muitos temem que esse seja o reinício das tensões entre vizinhos.

Sua classificação como organização terrorista e sua reiterada recusa em reconhecer Israel como um Estado legítimo na região, aliada a baixa institucionalização das instancias formuladoras da política externa palestina, validam as preocupações relacionadas a como Hamas se posicionará internacionalmente. O Ocidente, representado principalmente pela União Européia e EUA, manifesta inquietações no sentido de que Hamas não abandone métodos classificados como terroristas para atingir seus objetivos políticos internacionais.

Contudo, a eleição de Hamas não significa, necessariamente, o retorno às hostilidades entre palestinos e israelenses. Tal fato dependerá também das possibilidades que o meio internacional oferece. Eleito, o governo do Hamas passará a atuar em dois tabuleiros concomitantemente. Por um lado, deverá se preocupar com temas internos. Por outro, com os temas referentes ao âmbito internacional. Isso implica que, ao elaborar sua política externa, procurará responder tanto as demandas internas, relacionadas a políticas contra o desemprego, incentivo à educação e o combate à corrupção, quanto às pressões internacionais.

Hamas se elegeu tendo como base uma plataforma política basicamente relacionada a questões domésticas. Nesse sentido, é possível inferir que sua legitimidade e apoio interno estarão ligados à capacidade deste partido em trazer ao povo palestino as mudanças propostas. Neste ponto, cabe ressaltar que a esfera internacional e o plano nacional não possuem fronteiras rígidas, que permitem separá-los completamente. Dessa forma, as decisões do Hamas tomadas no plano internacional podem possuir implicações nos custos e benefícios das opções que tal partido enfrenta internamente. Assim, as pressões externas podem afetar as possibilidades de posicionamento do atual governo palestino não só no âmbito internacional, mas também no âmbito nacional, diminuindo a margem de ação do Hamas.

Os posicionamentos dos EUA e da UE com relação à possibilidade de cortes na ajuda externa caso Hamas siga com uma política hostil a Israel afetam o balanço entre custos e benefícios de uma ação internacional do Hamas distinta da anterior. Perder montantes de financiamento relevantes pode inviabilizar seu projeto político interno e acarretar uma perda de respaldo junto à população. Desta forma, aumenta os custos de uma ação externa violenta, empurrando o Hamas à adoção de uma política mais moderada com relação a Israel.

As pressões externas, no entanto, podem também levar a conseqüências na direção contrária. Se os EUA e União Européia adotarem um discurso radical no qual não dêem

opções viáveis ao Hamas, podem incentivá-lo a adotar posicionamentos extremos. Condições muito rígidas de negociação ou um apoio irrestrito a Israel, em que não exija de tal Estado garantias no atendimento de algumas demandas do Hamas, podem dificultar a formulação de acordos que tenham apoio da população palestina. Tal quadro pode levar o Hamas a recorrer ao sentimento nacional palestino, radicalizando o discurso contra Israel, Estados Unidos e União Européia, e acusar o Ocidente de sabotagem ao seu plano de reconstrução nacional. Se dita conjuntura se concretizar, suas conseqüências seriam muito negativas. Por um lado, haveria a possibilidade de um aumento da hostilidade entre Israel e Palestina e, em um extremo, a possibilidade de uma terceira intifada. Por outro lado, poderia dificultar o estabelecimento de uma democracia na Palestina. Isso porque fortaleceria o argumento daqueles que acreditam que a democracia é apenas um método do Ocidente para instalar seus interesses no país com custos menores.

O Hamas deverá decidir entre a manutenção de uma política moderada com relação a Israel, ou a adoção de uma política hostil. Sua escolha se baseará na análise de custos e benefícios que cada opção oferece. Nesse sentido, o Ocidente terá um papel crucial por que serão, em parte, seus posicionamentos que definirão qual será a opção seguida pelo Hamas. Caso Estados Unidos e União Européia adote uma postura inflexível com relação ao Hamas, a relação entre Israel e Palestina pode sofrer uma inflexão que marque um retrocesso nas negociações de paz.